

ASSIGNATURAS

Trimestre.....	25000
Semestre.....	45000
Anno.....	85000

# O PENSADOR.

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MDER NA

Maranhão, 20 de Abril de 1881

Propriedade de uma associação

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE ABRIL DE 1881.

#### O Sr. D. Antonio Candido de Alvarenga em a noite de quinta-feira Santa.

Apoderar-se do homem por todos os meios—eis em todas as epochas a facção das religiões.

E, em nome de todas as formas de culto inventadas pelo homem, nenhuma para este fim mais habil tem sido do que a Igreja Romana.

Partindo da simplicidade dos costumes dos primeiros seculos do Christianismo, a Igreja no longo decurso das idades ha percorrido em progressão a escala de todas as seducções do espirito. Tendo agapes e cerimoniaes simplicissimas em seu começo, quando vegetava nas catacumbas, ha adaptado, na sua marcha a-travez dos tempos, pompas e faustos que parecem a negação da sua simplicidade primitiva. E assim que, ás puras e innocentes solemnidades religiosas de seus primeiros annos, tem a Igreja substituído o apparatus theatral do mundo profano.

Entrai hoje n'um templo catholico. Olhai para tudo o que alli vos cerca. Ouvi os accantos dos cantores cujas vozes suspiram acompanhadas pelo orgão e pela orchestra. Contemplai os dourados dos retabulos dos altares. Prestai attenção a essa architectura hybrida, em que a simplicidade é excluída pela profusão dos ornatos. Vede essas vestes bordadas a ouro e enfeitadas de galões, com que se paraamenta o sacerdote. Dita as narinas para absorver os perfumes envueltas do incenso, da cera queimada, e das flores que ornam os altares. Gerai uma pomba as palpebras para evitar o deslumbramento produzido pelas ondas de luz esplendida que se cruzam na nave. Observai tudo o que está alli, e dizei se não vos achais n'um theatro de nova especie—n'um mundo phantastico em que a alma perde a seriedade!

Sim, o Catholicismo Romano—esse enxerto historico na liberdade pregada pelo Christo, tem sido o grande artista das seducções. Estudou todos os meios de prender o homem a si pelos sentidos. Longo de lhe fazer faltar a razão, como havia prescripto o filho do carpinteiro da Judeia, ha n'elle despertado a sensualidade. Quer que o homem seja seu servo, e para conseguil-o tem-o atrahido com pompas esplendidas, com cerimoniaes vans, com artificios sensuaes. Transformou os templos n'um lugar de gozo, n'um scenario irritante de sensações, n'um local em que rebentam todos os appetites, n'uma casa em que se faz tudo, menos o que se devia fazer—pensar e orar.

E não é impunemente que se vibram no homem as cordas da animalidade. As seducções aos olhos—pela luz, aos ouvidos—pela musica, ao olfacto—pelas perfumes, no tacto—por uma atmosphera artificialmente morna e suave, arredam o ser pensante das consas graves. O prazer lento, que se lhe infiltra na individualidade, aparta-o da severa doutrina do Christianismo. Um homem—christão antes de entrar alli, deixou de sel-o momentos depois de estar no templo. O Christianismo é a calma no espirito, a reflexão no cerebro, e alli, no templo, essa calma e reflexão são impossiveis.

É por esta razão que os templos catholicos em todos os tempos têm sido o theatro de innumeros escandalos. Scenario excitador de paixões febris, tem trabalhado para a irreligião, apagando no homem os principios moraes das doutrinas religiosas. Debalde o padre argue a voz severamente no templo. O apparatus que o circunda rouba-lhe ás palavras a severidade—protesta-lhe contra a doutrina.

Não pasmaeis portanto de que o respeito não exista nos templos. A religião que seduz os sentidos ao homem, descurando fallar-lhe á razão, não pode nem deve esperar-o. Foi arduo que não plantou. Fez do homem uma machina cujas molas agita para fazer nascer sentimentos contradictorios. Descurou educar o moral humano—só enfiou em prendel-o por meio de artificios sensualmente brutales.

Dizei ao mechanismo animal que adore a Deus!

Pedi á sensualidade que gere o respeito.

Recem diante deste impossivel.

O templo de Santo Antonio foi, em noite de quinta-feira Santa, theatro de uma scena altamente repugnante.

Celebravai-se alli com as pompas habituaes uma das solemnidades commemorativas da paixão de Jesus Christo. O grande drama do Calvario ia ser feticionamente renovado pelo luto luxuoso de galões e bantejadas de que a Igreja se reveste. A tragedia, cuja peripécia é a cruz, recordada por pompas, preparava-se para commover os corações.

E o templo estava completamente cheio. Homens e mulheres alli agglomerados viajavam o ar com as suas respirações ofegantes. Remava um calor enorme n'aquelle ambiente prehe das emanções do acido carbonico. Havia alli o que ha em todos os grandes agrupamentos humanos. Notava-se uma superabundancia de vida, uma excitação febril dos organismos, um estado anormal dos espiritos agitados pela influencia material do lugar. Não havia a calma, não existia a placidez, n'aquelle mar de cabeças humanas, que andava caprichosamente na casa do Senhor. O luto, que devia existir em todos, esvaia-se ante as seducções energicas do local.

Contudo não havia alli nem desordem, nem rumor pronunciado. Apenas algumas senhoras trocavam entre si palavras em voz baixa, e agitavam brandamente os leques. Apenas alguns homens conversavam seriamente em tom sufficientemente baixo para se perder no sussurro inseparavel das grandes multidões. Não existia alli a concentração, o recolhimento; havia porem a ordem, o segredo impresscivel á solemnidade.

Se a dor não vergava alli os peitos, se o luto não se apressara dos corações, é que o fausto da festividade, a pompa da cerimonia, o brilho das luzes, a suavidade dos perfumes, e a excitação nervosa da musica, o vedavam completamente. A multidão, como sempre, obediencia a influencia morbida do scenario. E o scenario preparado pela Igreja é que roubava á pompa fanebre a severidade indispensavel.

O Santissimo Sacramento estava exposto. No alto de um throno erguia-se a Custodia scintillante. Nas degraus d'esse throno os cirios em profusão espargiam

ondas de uma luz voluptuosa. O emblema radiante do Christo do Catholicismo, cercado de fausto, protestava com seu brilho contra o funeral do tempo.

Por uma destas innovações singulares, por uma d'estas medidas extravagantes, haviam sido forçadas as senhoras a ficar de pé. O Catholicismo, que em semana santa aluga cadeiras em S. Pedro do Boma, exigiu que na capella dos Navegantes todos de pé se conservassem. Um expediente d'essa natureza, produzido nas senhoras um mal-estar physico, não podia senão ser contrario á placidez requisitada pela solemnidade. A immobildade n'aquelles que estão de pé torna-se um impossivel. Ninguém se sujeita a essa tortura.

Estava portanto todo o povo na igreja de Santo Antonio sujeito á pressão moral do meio em que se achava. Não havia senão uma agitação surda, um ruido sibilado, um paroxismo de sensações crepitanes. Existia alli a ordem possivel em meio de tão grande multidão.

Derepente ouvi-se um rumor. S. Exc. Rm. acabava de entrar no templo. Objecto sempre da curiosidade de seu rebanho, o pastor evangelico vem com sua presença agitar todos os espiritos. A triste celebridade de que goza faz com que a multidão lhe n'elle attentos olhares. Todos querem velo, e a sua pessoa é immediatamente o alvo de todas as attentões.

Um sussurro sanda logo a entrada do Bispo. A vaga humana, como as ondas do mar vermelho, abre-se para dar passagem a S. Exc. O Sr. D. Antonio, com o garbo senhoril que lhe caracterizes, rompe por entre a multidão.

E o que vem alli fazer S. Exc.? Aca-so, discipulo digno de Christo, vem fazer ouvir a sua palavra evangelica?

Não; S. Exc. vai n'aquelle templo promover um tumulto. Vai affrontar um povo que depois se vingará.

Em dia de quinta-feira santa, o Sr. D. Antonio vai ser violento e desafiado.

E é em nome do Christo que S. Exc. vai empregar a violencia.

Não enras do teu bispo, ó martyr da Judeia?...

Antes de ir a Santo Antonio havia S. Exc. estado na Sé e no Carmo. Alli o Sr. D. Antonio dera largas ao seu humor excepcional. Na Sé—fora falta de delicadeza com homens e senhoras. No Carmo—fora grosseiro com dois cavallinhos, e chegara até a esmurçar algumas pobres e offensivas creanças. Victima da hillis que o possue, tinha voltado nos templos a torrente enorme de uma insolencia audaz.

Quando a Santo Antonio chegou, a tempestade de mau humor lezara o auge em S. Exc. A fúria grosseira subira-lhe ao cume do acalorado cerebro. Havia n'aquelle cabeça em fermentação um furacão de incivildade que ia agouitar a multidão. Os diques iam romper e mostrar ao publico S. Exc. tal qual é.

E assim foi. Abucientes senhoras ouviram logo severas reprehensões da parte do censor evangelico, que tem até o ar de censor de lhes pegar nos bracos e de lhes tocar nas costas. Uma aluvião de palavras grosseiras escapa da bocca do Bispo. Os termos de *malta* e de *pega* saltam-se dos labios de S. Exc. Todos se julgam em praça publica ante a linguagem virulenta do Sr. D. Antonio.

Mas não ficou aqui a audacia. Como S. Exc. quizesse affrontar o povo, manda apagar as luzes e encerrar a exposição do Santissimo. Era a última bala que a descomposta enviava aos arraiaes populares.

Ante esta última medida o povo exalta-se. Uma patada fustiga S. Exc. Sem attenção ao local o publico comprehende que o Sr. D. Antonio merece castigo. Gritos, ameaças, fazem percutir as abobadas do templo. Senhoras descaiam em meio do tumulto; e varias familias fugem desorientadamente da igreja. O pânico toma gigantes proporções.

Debalde á tribuna sobe o Rvd. M. A. Um sussurro enorme vela-lhe o poder, tranquillamente usar da palavra. Falla—mas ninguém o ouve. Grita—mas ninguém o escuta. Os apitos fazem-se ouvir na igreja e S. Exc. pallido, a tremer, olha com receio para aquelles que o cercam. Reconhece que fora insolente de mais, e prepara-se para receber a pena do seu delicto.

Mas não, S. Exc. nada soffrera, além dos insultos de que é alvo. A grita popular vai amudecer ante a voz dos mandatarios da lei. O major Trivares e o *quadrante* d'ordens da Presidencia vão evitar que S. Exc. seja espancado. Offerecem-se para o escultor com o risco de soffrirem alguma offensa do povo. Attentos á voz do dever em nada trepidam.

E o bispo sabe de Santo Antonio. Sabe depois de uma hesitação enorme. Sabe coberto de vociferações, de improprios, de injurias. Sabe castigado pelo povo e acompanhado de um *troço* que o ridicularisa, que o molesta, que o escarnece.

Assim o Sr. D. Antonio, escoltado como um criminoso, transpõe a distancia que o separa de seu palacio. Novo *histrão* perante a população macha protegida pela popularidade de dois *distintos* militares. São elles que lhe garantem o conservar intacta, incolume, a sua individualidade physica.

A porta de seu palacio, é S. Exc. recolhido com vaia. Innumerias pessoas alli haviam ido para dizer um adeus a S. Exc. Esse adeus foi o grito de ameaça, e o brado de indignação de um povo que queria lavar-se da injuria que o Sr. D. Antonio lhe lançara.

E o bispo do Maranhão recolheu-se a sua casa tendo mais uma noção na sua sanctora episcopal.

S. Exc. quizesa calmar o povo. O povo com lama lhe respondia.

A resposta fora triste e digna de severa condemnação.

O culpado fôra, porem, S. Exc.

O acontecimento de Santo Antonio é um facto que já está no dominio publico. Varios jornaes narcararam-no. Eis porque nos abstenemos de o fazer mais minuciosamente.

Moralisado como é de seu dever, a imprensa tem forçosamente que condemnar o procedimento d'aquelles que desrespeitaram n'um templo a pessoa de um bispo e quem a lei enthronou n'um cargo de que não é digno. Lamentamos que alguns pensasse em responder á violência do S. Exc. com a violencia de uma revolta.

Nossa condemnação não envolve porem o caracter de uma sentença contra o povo. Reconhecemos uma enorme altoneante á condicção popular. S. Exc. não respeitara a igreja nem o dia da solemnidade. Era natural que o povo tam-

... Ut qui non sinit parvuli fluctuantis, et circumstantium quasi confiditiorum, in angustia hinc inde, in angustia ad circumstantium errare. (S. Paulo, ad Philipos Cap. V, v. 13. Epistol.)



san aconchegar, não foram as *cartas*, mas sim o *postor* queo primeiro desrespeitou o Sacramento exposto a adoração dos fiéis...

Bem vê pois o noticiário d'O Puz que a sua redacção a menos que se pode tornar, por todas estas considerações...

Maciol

A lei e os padres da Civilisação

Temos á vista a 17.ª carta aos marcos do Maranhão.

Comquanto não nos cruze estranheza a linguagem torpe do miseravel jesuita auctor das taes cartas...

Tudo esperamos do seductor das duas orphãs de Belém. Tudo esperamos do vilão auctor das cartas aos marcos.

O miseravel auctor das cartas aos marcos é um infame, porque vive constantemente a insultar a auctoridade e recorrer a ella illegalmente.

Estranha o escriptivador das cartas que colligire no Pensador o sr. Arthur Jansen Pivares. Chama, para este facto, a attenção da auctoridade competente.

Sobre ser infame, é ignorante o escriptor das cartas aos marcos. Haverá acaso alguma disposição de lei que inhabilita a qualquer militar de escrever para o publico?

Não, ha, sim, disposições de lei, prohibindo que militares aceitem empregos publicos, vitaficou no não, entretanto que o padre Raimundo Alves da Fonseca, redactor da Civilisação, exerce os cargos de lente da philosophia do Lyceo e vice reitor do seminario de Santo Antonio, ultimamente obtive as honras de canego.

E onde estará a violação da lei? Para quem deve ser chamado a attenção dos poderes publicos?

Decididamente o escrevinhador das cartas está resolvido a mentir, chamando para crimes imaginarios a attenção do governo. E são elle e os seus quem malbarata a lei.

Breve voltaremos ao assumpto e trataremos então da celebre concessão de honras de canego.

Não tememos, no terreno da lei, a discussão com quem quer que seja.

Hugo d'Aguiar

O auctor das cartas vis

Ainda não ha muito tempo que, das plagas paraenseas, aportou a esta boa terra um miseravel scelerado, que vinha,

a covilte de um idôta barbaresco e parlapiúto, perturbar a paz dos maranhenses e estabelecer o torpe predomínio clerical.

Conhecido de ha muito e em todo o Imperio, pelo seo vilissimo caracter, vio-se desde logo o infame corretor da JULIA PERAMBUCANA odiado pela população em pezo e fadigado na cara.

O bandido porém não desistiu e furioso procura tirar um desforço qualquer. Recoiciando por em pratica o BACAMARTE e a FAGA DE PONTA, privilegio honorario da execranda familia, recorre á imprensa e pollindo essa nobilissima criação vomita, todos os dias em CARTAS VIS, laltis gangrenada e asquerosa, contra tudo e contra todos, com um desfaçamento, que faria corar qualquer devassa regateira.

Esse vilão godelhudo, que se occulta nas trevas, sempre que nas taes cartas allude a O PESSIMO, falla em estrangeiro, caixeiro, & c.

Julgára esse vilão amesquinhar alguém chamando-lhe caixeiro??

E ser supinaente parvo. O trabalho, seja elle qual fór, jamais poderá envilecer o homem.

O que envigonha Tartufo—é descender d'assassinos e cobardes, como tu!

O que envilece cão—é dellorar orphãs, comer-lhes o patrimonio e lançal-as depois na prostituição, como tens feito!

O que avilta miseravel—é ser corretor de mulheres publicas para seus superiores, como fizeste com a Julia Perambucana!

O que degrada vilão—é ser cobarde e indigno como tu, que apesar do incognito, a população inteira te conhece e aponta-te á vindicta publica.

Isto é o que avilta miseravel godelhudo, o ser caixeiro, nunca.

E alguns ha, tão ciosos da propria dignidade, que te provariam com a ponta do chicote, o que sustentam com a da penna.

P. J.

Abril 19 de 1880.

Soneto.

Dom Geriba, e Murrito, o Carn secco, E a Taboão também, como é provavel, A pouca co'a prazer mais entranhavel Ruído tanto que quasi os leva a breca.

Dom Geriba exulta, como morrieta, Bebeo vinho, e cantou com riso amavel. E a Murrito, sempre audaz e intrompavel, Pela gorja mentia, fez-se poteca.

Mas isso, a quem julgarão acovardado, E que de bobas taes sempre zombara, Fez calar a Murrieta, pólo assustado;

A' porta da espelunca chega e pára, E lhe manda dizer desassombrado Que hade cortar-lhe c'um chicote á cara!

O Guelfo.

VARIEDADE.

Mote

Dom Geriba e frei Magriço, Por conselho do Marcano, Um camello, outro girafa Não de ser darvate o anno.

GLUSA.

Era ha muito annuciado Aos fiéis d'esta cidade Um santão que á impiedade Destruir tinha jurado. Eis que chega, e festejado Foi com ovos e chouriço, E quando á Porto, o Chamigo Privava n'altos da razão, Um ao outro dão a mão Dom Geriba e frei Magriço.

«Amigo, disse o fillote, Já te conheço por fama; Sei que tens no peito a chamuna Em que ardêra dom Quixote: Tens por divisa e por mote

Da humanidade o regresso; E eu que agora começo A missão do que me ufano, Quero ter um desgano Acerca de teu serviço; Isto faço, meo Magriço Por conselho do Marcano.»

Co'o espinhaco curvado, Fazendo uma carantona, Responde a umma medouha C'um sorriso apavallado: «Meo senhor, eis-me humilhado... —Ea tanto não quero, safá! De subito a voz lhe abafa Dom Geriba,—não temamos. E forçoso que sejamos Um camello, outro girafa.—

É certo, disse abatido Frei magriço o virtuoso Que a um fadario heitroso Nos tem Deos submettido... —Ha de ser elle cumprido, Replicou o diocesano, Pois diz o agouro tyramo: —Por sandires muito varias Duas bentas alimarias Não de ser darvate o anno.— O Gabelino.

Epitaphio.

Aqui jaz Tolo-sem-tino Que morreu sem ter um ai: Não chorveis o seo destino, Pobres orphans, exultai.

outro.

Aqui jaz de frei Magriço Bolorento, fria ossada; A terra de carne amiga D'esta feita foi lograda.

outro.

Descança aqui dom Gereba Como no mundo um nababo; Não receis pela alma d'elle, Que a tem no inferno o diabo.

O Geribino.

ECHOS DA RUA.

Porque motivo foi prohibido o Collegial, a quem o padre Baptista dava dozes, de sair com a commuidade, em companhia daquelle moratado sacerdote??

—A conselho d'algum reservamos para occasião mais solenne a publicidade deste sauto mysterio... e então o publico pasmará!!

João cuspe tudo, tratando na Civilisação da entrada do filho de um general americano para a casalla ordem jesuitica, pergunta todo ufano:—«O que dizem agora os jesuitaphobos?»

—DIZEM QUE TU ES UM ORPHANTROPOPILAGO, MEU REV. CAMELLO.

O gaiato D. Gereba pedio encarcadamente ao seu BARBEIRO, que não fizesse barba de maço com a navalha que fazia a delle! —Coitado... é muito burro este sandeo.

Diz João Moura-grande na Civilisação—«que a quilha da cunhalha da essa maçoica indica desaprato na ordem!!!» E a quilha do sino do Carro, o que indicará? —Juão, tu és um teleirão.

O perigoso imperiado, n'um dos seus ultimos sermões, disse fallando ao povo: —«Desgraçados, vós não chorais pelas dôres do Christo, mas sim pelas vossas faltas e devassidões (?) de vossas espaldas!» —Quem s'espôja és tu, meo Rvmd. lruilo.

(\*) Sic.

Frei Marcano, o perigoso, clogando um folhetim que salia na santina madreca, disse: «que era tão terno, que fazia até chorar!»

—E' mentira Tartufo, tu não choras-te, cuspieste pelas cantos da bocca.

O gaiato D. Gereba já não joga o nickel no Convento, agora é—Os Sete e meio. —Antonio, quando tu terás juizo??

O jesuita cafazinho teve accessõ aos ECHOS DA RUA, porque anda pelos cantos deprimido, sem motivo, a Redacção d'O Pensador.

—Mariano, meo negro, vai lambendo as migalhas dos Educandos e não te motes em fundavias.

O Rvmd. padre Miranda, no seo sermão de quinta-feira santa, esteve na altura de viradoeiro orador sagrado e O Pensador por isso continua a felicitá-lo.

—Que não altacamos o clero e sim os jesuitas, já o temos provado em demasia.

O cigarro de Pirocama, quando se deo o tumulto em Santo Antonio, escondêu-se no pulceto e pôz-se de cocaras, dizendo todo convulso:—«meo Deus, não pego unás a boia do Seminario.»

—Como não estaria o abdoemen do Cigarro n'aquella critica posição?

Bristol, o actual padeiro geribino, quando vio que a cousa cheirava a chamusco... poz-se ao fresco, resguardando a pinta da gafurina.

—De todos os jesuitas maranhenses, é este um dos mais vellacos.

Trez das bentas, mais furiosas do coração, por occasião do conflicto geribino, correram para á sacristia atiracadas ás batinas dos santissimos marmanhos.

Não haverá quem diga a estas Sedoras, que esses actos podem prejudicá-las??!

Dizem que o bispo diocesano foi, durante o trajecto do enterro do Senhor, tirando cêra da tocha e fazendo holinhas.

—Se S. Rvmd. fizesse sempre d'essas, ou d'outras bolinhas, não teria soffrido, o que soffreu em Santo Antonio.

Dizem mais—que o amavel seu Pureza juntou ditas bulinhas e vai vendê-las como pilulas milagrentas.

—A ser exacto isso, adeus unatico e capobiba.

Dizem tambem—que Frei Magriço—o nomma—manipulará as sobreditas, com cuspo da parenta da Villa do Paço.

Pessoa fidedigna garantio-nos—que o gaiato D. Gereba toma muito honradamente o seu ganço!

—Custa a crer, mas só assim se explicam os brutos arrebatamentos geribinos.

Raridade.

«Abria um meinho n'esse meio, p'ra quem seja poder descer p'ra baixos—dizia na Sé o nosso bispo diocesano!

—E ainda haverá quem diga que S. Rvmd. não é um varião muito illustrado??!

Não damos neste numero pauta semanal das visitas geribinas ao Convento, porque o subid não foi trinar.

Movimento dos templos.—Santo Antonio no sexta-feira ultima:

Table with 2 columns: Name and Value. Includes entries like Beatas sem direcção, Ditas arregimentadas, Thesoureira gorbanchuda, Zeladora compridona, Grande ciefa das pagas, Sem paçoinho roxo escuro, Sua billta casadinha, Jesuitas ordinarios, Curiosos diversos, NB.—Seo Pureza foi o o cafazinho tambem.

Soror Pompadour.

CRONICA

—Então quando é a audiência?!
—Vem ou não vem essa paluscada?!
—Como vão os negócios da responsabilidade?!

—Enquanto fica afinal aquella molecagem dos padres?!

Estas e outras quejandas perguntas são as armas com que mil interessados na causa d'este jornal amolam-nos constantemente os ouvidos.
Todas querem que se conte minuciosamente o que se tem passado a nosso respeito. Ha muita ansiedade geral pelo desfecho do processo. Reunem em todas uma curiosidade impaciente por nosso destino.

—querem saber si afinal podem procurar o nosso jornal na rua da Palma, ou si a lã de procurar na mão do carcereiro no largo da Cadeia.

Entretanto a Justiça está em férias e só lá para o dia 28 é que poderá continuar a paudejar; temia o amigo publico um horado de paciência e espere.

E quanto ao sobrosalto em que está pelo nosso destino, não lhe dê isso cuidado, porque o mais que nos pôde succeder é adoptarmos de hoje em diante um pouco mais de prudencia.

Fique por conseguinte o publico tranquillo, que o caso no fim de contas não é para sobressaltos. O que desejam os padres não é agora coisa que fara nossos amigos ficarem com o coração pequenino.

—elles o que querem simplesmente, cotados!—é metter-nos na cadeia...
E isso, que diabo! não é tambem coisa para grandes aquellas. Porque, vamos e venhamos! os pobres homens podiam, deviam até, por dignidade, querer mais, querer muito mais, pelo menos deviam em rigor exigir que nos cortassem modestamente as cabeças.

Nossas cabeças—está claro!
Que mal havia nisso?!

Que mal viria ao mundo por nos degolar piedosamente o senhor Mourão?!

Sabemos todavia que ha por ali um bando de homenzarrões armados de pau e faca com o fim um tanto mais elevad do nos retalhar o ventre, mas isso ainda está muito hypothetico e elles, os pobres de Christo, podiam perfeitamente já nos ter despaçado desta para melhor vida.

Porque, senhores, sejamos coherentes —Si ao dobrar de uma esquina enterrossam-nos um palmo de navalha nos intestinos; si uma bella noite tivessemos de voltar para casa a tropeçar nas tripas, que traziamos arrastando—era muito bem feito! Era muito bem feito para não andarmos a espisnar a cara do reverendissimos velhacos, que sempre passaram por pessoas honestas.

O que tinhamos nós que as idéas do Sr. conogo tal fossem ou não perniciosas a esta provincia?!

O que nos importava a nós que o bispo tal fosse ou deixasse de ser um pedaço d'asno?!

Que lucravamos nós em demonstrar que o padre tal desorganisa a familia, atrasa a instrução publica, divirtua o trabalho e ataca a tranquillidade de cada um?!

Quem nos mandou cogitar que Lovelace seduz, que D. Juan namora?!

Que tinhamos nós com o vinho com que se embeloda o prelado ou com as mulheres com que o conego cova os seus appetites bestiaes?!

Acaso queriam elles beber o nosso vinho ou carregar com as nossas amantes?!

Deixar-nos vivos! Ó aquelles! Ó homos! Ó cousas! Onde já se viu cousa semelhante?! Quando já se presenciam um relaxamento desta ordem?!

Soffrer tanto ultrage! ser de dez em dez dias phantasiado de pirrot e exposto a irrisão publica! receber constantemente escarros e mais escarros na parte mais melindrosa da corpo, para, o fraqueza das fraquezas! o fronzido das fronzidos! para, no fim de tudo isto, quando esperavamos que ia laixar sobre nossas cabeças peccadoras todas as coleras célestes e todos os fogos olympicos; quando nos sentiamos tremar sobre o anathema supremo e foravidel chegar a conclusão de que os padre descajavam que nos fôssemos simplesmente de presos!

Ora coho!
Isto era faztuma creatura de Deus perder a fé nos milagres, creiam que semelhante porcaria faz-nos descer um grande e proverbial sagacidade, um grande energia, um grande espirito de vingança de V. Exc., senhores intricas!

Daes a seis mezes de cadeia! Ora pilulas!

E por esta mialtaria, e por esta miseria, e por esta contidaão riles, tio corrigicaria, tio chufiram, tio safada, quebram vv. rvdms, as suas melhozes lauras!

Ora sempre pensavamos que vv. rvdms, na sua cederia fossem outra cousa.

Isso tem o colera, neti, raiva é—isso é birra, birra de chium! para birra clauzoa.

Si era só para isso, sems chins, nem valia a pena se encontrassem um calgar as botas.

Seis mezes de cadeia, o maximo! Ora bulas! Não pensem namos! ou vão peneir os rabulhos, rvdms, mandariis! Outro officio!

Vv. rvdms, estão convergendo a classe, estão eucovalhando a latina.

Não fazem mal?! Nós nos animamos a não pensar com v. rvdms,?! Nós tivemos a coragem de não entregarmos as mãos de v. rvdms, as nossas consciencias como se entregassemos a cara a um barbeiro?!

—mandem então nos matar com todos os diabos! Que é que esperam?! provem que são homens, sems panotias!

Apeçndim no passado biam na historia como é que um padre que se estima deve tonar vingança! Aquillo sim, é que era gente—homens dignos da roupa que cingiam.

Mas para metter um cidadão na cadeia nem valia a pena que vv. rvdms, se ordenassem. Os bons santos da fozigisico corariam de vorgeonia de fronte de semelhante escandalo!

Querem vv. rvdms, dar um passeio connosco, tentiam a bondade de arregar a balina, abrir o chapen de sol e seguir-nos—vamos penetrar a um interessante volume das Farças.

Entrem por aqui:

«Era, no tempo das guerras do d. Miguel, um homem, ainda hoje vivo, (1872) constitucional, tinha sido ferido. Do universo em miseria, conseguiu recollar-se, esconder-se a um povoão, em casa de duas mulheres velhas. Boa gente, piedosa, assustada, consumida pelos ferroses do tempo. O homem convalescia. Começava a erguer-se, apenas a vir a porta, ao sol, tritar debilmente a sua fraqueza. Um dia as duas mulheres appareceram n'uma grande lesãoção afflicta. Tinha chegado ao povoado o Batalhão sagrado. O homem fora denunciado.

«O Batalhão sagrado era composto de padres armados de clavaes e fuzes. Era a guerrilha idiota do assassinato. Lange das suas igrejas, desembarcaados dos votos e das obediencias, na liberdade da serva e dos combulos, com a sensibilidade desbotada, avidos como animas soltas, a clava no hombro, iam levando atravez das povoações uns a colera bestial do seu fma ismo, outros a independencia animal do seu temperamento pieben, soffrego (e mulheres, de vinho e de disorder, todos uma ligubre violencia de ataque e de medo. Temiam-nos. Elles malavam e prendiam. A

prisão era peor: ora a tortura imminente, circumstanciada, pittoresca e perpetua. As duas mulheres tremiam ao pé do deante.

«—Pois bem, disse elle, voremecês em todo o caso não temem que leurem. Se os padres vierem em cá estou. Apresentem-me, digo que estava aqui contra a vontade das senhoras, que foi a força, affirmam-me alli para um caulo morto, e ali está, estou fraco, não me ha de levar muito a morrer e disse. Assim, se dessem busea à casa e me achassem para alli escondido, deixam cabo de mim da mesma maneira, e voremecês padeciam. Assim é melhor. Eu cá estou.

«As mulheres choravam, queriam esconder-se, o homem remou com a indifferença de um vençido. Tinha a pancea o Batalhão sagrado com grande ruido de armas, apparecia no pé de casa, de botina arregrada, cruz, toise ao hombro e chapen desalado.

«O homem sahio e disse tranquillamente:

«—Aqui estou, sou eu.—Então dois padres, aproximaram-se: cada um o tomou por um lado do rosto, pelas barbas, riado, e com um empulção ferrível arrancavam-lhas! O homem calou no chão. Então os padres amarraram-no com cordas em cima de um muro e partiram com elle victoriosamente, cantando a bendição, para as prizoões de Almeida. A jornada durou dias. Era no verão. Os asperos canchulos estavam merlidos do sol. O homem levava o resbio em chaga, com um continuo suor de sangue. A poeira, o sol, acobriavam-lhe as feridas. Levava as mãos amarradas e as moscas piravam-lhe a carne viva. Quando chegavam as tabernas, os padres adivavam ao homem um pedaco de pão. De vez em quando, por desluzio esponçavam-no, piravam-no em as pontes das baionetas. O sol, o calor, a inflammation, faziam-lhe nas feridas um ardor pungente, de sorte que o pobre homem morrendo o orgulho pedia que lhe deitassem agua fresca. Os padres então com grandes risadas...

«... não pode ninguém escrever o que faziam os padres do Batalhão sagrado, para refrescar aquellas feridas. Ao chegar a cadeia, sem intelligencia, sem consciencia, n'um topor desmaiado, affirmam-no para cima de uma esteira.

«Quando voltou a si, um homem estava debruçado sobre elle e curava-o. Era um enfermeiro de acaso, um preso tambem, um compadecido d'aquella aspera desgraça. Esse preso piedoso não era um vençido politico. Era um assassino.—E foi elle que curou as chagas feitas pelos senhores padres do Batalhão sagrado.»

Vem, senhores chins, isto sim é que eram padres! E vv. rvdms, ainda nos vem fallar em prisão!

E note-se que nós estamos em caso muito peor do que o do tal desgraçado proseguido do tempo do santo D. Miguel, estamos, porque esse era simplesmente um criminoso politico, ao passo que nós, nós senhores chins, vamos muito alem—nós! ó cous! nós somos livres pensadores, somos o que vv. rvdms, chamam comumente—impios.

E com os impios, adoraveis honras, o rigor ia muito mais longe.

Querem vv. rvdms ver como faziam os padres com os impios? Tentam ainda a bondade de curar este pedaco de Machete:

«Hoopér era um impio. A Igreja resolveu queimá-lo. Deitou-se-lhe o fogo por trez vezes. Primeiro, a lenha era pouca. Depois era verde. Por fim o vento desviava a chamma, as labaredas não subiam, o fumo não suffocava o condemnado. De modo que o herege estava já queimado até o meio do corpo e gritava ainda: «Mais lenha, por caridade! mais lenha, bons homens! mais lenha!» Tisnaram-se-lhe as pernas e separou-se-lhe a carne das ossos. O ventre estallou e as entranhas saíram. Emegrecer-se-lhe a cara. Arderam-lhe as pestanas e o cabelo. Por fim deixou de gritar. A lingua

inchada cresceu para fora da bocca. Ainda assim viva. Os espectadores viam-o estichaciar-se. O sangue e a gordura escorriam e rechuivavam com o lume. Elle fallou no peito com os pulsoes nervos. Em volta da fogueira a multidão comovida soluçava, e de todos os olhos corriam as lacrimas.

«Com as mulheres o systema era outro. Como o fogo começava por devorar os vestidos, via-se a branca nudez femineil, que tremia, banhada pelas chamas. O espectáculo era tão pavoroso que a Igreja teve um abalo de pudor e temo que a resolução não mais deliciada. As mulheres que incurriam em heresia—com' por exemplo uma mãe por não denunciar seu fillo que lia a biblia—eram enterradas vivas. Passasse-lhes um caulo, á-m lida do corpo, como para os mortos. Somente ante solido. Solado o caulo, em vez de lenha, atravessavam-se varões de ferro pregados as grossas laenas lateraes do espelho. A herge ficava dentro. Tisnava assim no fundo da rova. Unas concentravam em dous tudo o seu sentimento, evocavam toda a sua coragem. Choravam os demas, immobilizavam-se no terror, e deixavam-se ir para a morte como se já fossem espectros. Outras agriava, gritavam, choravam eucivocavam-se. Despedaçavam-se contra os ferros. Desfaziam as unhas, a carne dos dedos e o rosto. Depois imploravam, diliziam meiguices, não queriam acreditar na morte, sorriam terramente—com um sorriso ensanguentado. Por fim uma portea de terra caudilha de cima na bocca, Gallavam-se. E, no meio d'aquelle subito silencio, a terra ia caindo, a pancea e pouco até se encher a covca e se fazer sobre ella o pequeno cumulo fúnebre das campas.»

E no entanto hoje querem vv. rvdms, que nós sejamos simplesmente presos!

Ora, senhores padres! por quem são—si vv. rvdms, tem algum respeito a uma tradição; si vv. rvdms, não querem acabar por uma vez com isto de egreja; si vv. rvdms, estão dispostos a defend'r a santa causa que abraçaram; si vv. rvdms, desejam agradar obediencia a Deus—por quem são, senhores—façam de nós um pedacinho á báhuia!...

No dia 13 deste mez, o illustrado sr. dr. Augusto Pereira Franco reuniu em casa seus innumeros amigos para solemnizar a restaurada desta cidade do nosso estimavel ex-chefe de policia, o exm. senhor Dr. Candido Augusto Pereira Franco.

Foi uma esta importante, porque o que arrastava ali a concurrencia não era uma simples obrigação politica; era a exultancia de sympathia, era o reconhecimento pelos bons serviços prestados a esta provincia pelo seu infatigavel ex-chefe de policia.

S. exc. retirou-se dentro nos accoapulado pelas benções da população.

Não deixou um inimigo, não de xouma ressentido; foi sempre hon e cordado, sem todavia nunca transigr com as obrigações espinhosas de seu cargo.

E bello ver partir assim um angustado, levando no coração os appetites ainda querentes e as homenagens immediatas de todas as classes e de todas as corporações com que conviveu.

Um chefe de policia nessas condições não é coisa muito vulgar e praze nos não desluzos da politica central nos conceder um successor digno de s. exc.

Todos os nossos respetos e todas as nossas saudades sejam consignadas a esta pagina ao ex. sr. dr. Candido Augusto Pereira Franco.

Maranhão.—Typ. de Vras & Filho por Imp.

—Antonio J. de Barros Lima.